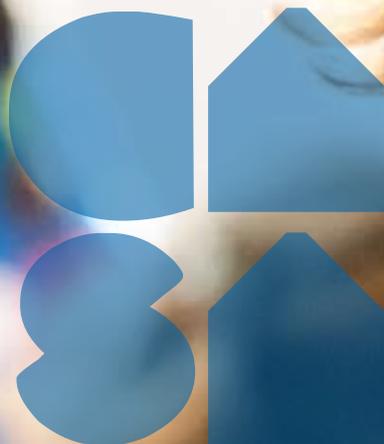


A CASA E EU



A CASA E SUAS HISTÓRIAS



Museu da Pessoa  
Brasil



Casa de Cultura e Cidadania



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Majolo, Thiago Pereira  
A Casa e eu : a Casa e suas histórias / Thiago  
Pereira Majolo. -- São Paulo : Museu da Pessoa :  
H. Melillo - Grupo de Articulação Social, 2012.

ISBN 978-85-60505-32-6

1. Ação social 2. Casas de Cultura e  
Cidadania - História 3. Cidadania 4. Cultura  
5. Depoimentos 6. Educação 7. Histórias de vida  
I. Título.

12-00458

CDD-306.432

Índices para catálogo sistemático:

1. Casas de Cultura e Cidadania : Histórias de  
vida : Cidadania e educação : Sociologia  
educacional 306.432

A CASA E EU



A CASA E SUAS HISTÓRIAS



Patrocínio



Realização





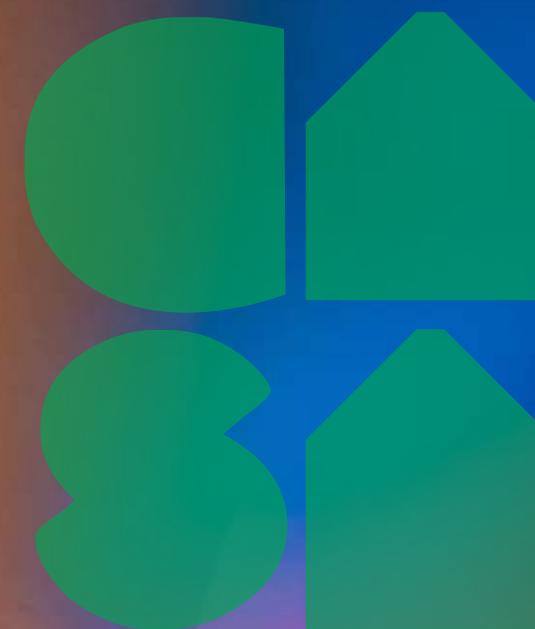
## Sumário

9 APRESENTAÇÃO

14 AS CASAS CONVIDAM A SONHAR

60 PRINCÍPIOS DO PROJETO DAS CASAS DE CULTURA E CIDADANIA

## APRESENTAÇÃO



Em 2008, foi inaugurada a primeira unidade da Casa de Cultura e Cidadania. Hoje já são sete – São Paulo, Osasco, Barra Bonita, Lins, São José do Rio Pardo, Caconde e Novo Hamburgo. Projeto da H.Melillo – Grupo de Articulação Social que contou sempre com o patrocínio da AES Brasil, as Casas de Cultura e Cidadania ([www.casadeculturaecidadania.com.br](http://www.casadeculturaecidadania.com.br)) oferecem uma gama de atividades culturais e esportivas, buscando o desenvolvimento humano e visando a que a transformação de cada participante se reflita em transformações sociais.



*“O que me encanta nesse projeto é ver a diferença entre quando encontramos as crianças na fila pra fazer a inscrição de quando voltamos três meses depois. Até a postura corporal é outra. O que me encanta nesse projeto são as várias vezes que ele me emociona. Eu fico emocionada porque é uma mudança efetiva, é a esperança materializada numa possibilidade de a criança ser muito mais feliz. Encanta-me a capacidade de mudança, de um novo futuro, de um presente muito mais bonito”...*

**Marcia Ferreira Carlos Magno**  
(19/1/1957 – Rio de Janeiro/RJ),  
diretora de comunicação e  
sustentabilidade na AES Brasil



*... “Cada Casa tem que ter pessoas que levantem de manhã todos os dias com a certeza de que, naquele dia, elas têm um mundo pra transformar. Não é uma vontade, é uma certeza. E o que transforma uma vontade numa certeza é que, para fazer isso, ele precisa de outros que estejam naquele mesmo momento, naquele mesmo espaço, com a mesma vontade. E que coletivamente eles possam construir um jeito específico de fazer. Eu acho que essa é a maior beleza do projeto. Porque hoje eu não tenho dúvidas de que a receita essencial do bolo de chocolate é que cada uma das pessoas que trabalham no projeto, ou a imensa maioria delas, descobriu dentro de si que elas podem ter como sonho algo que envolva essas crianças e esses jovens. E, na hora que o sonho é delas e elas têm condições de transformar esse sonho em realidade, elas mostram pra essas crianças e esses jovens que eles também podem sonhar e transformar esse sonho em realidade”...*

**Heloisa Melillo**  
(11/6/1962 – Andradina/SP),  
presidente da H.Melillo – Grupo de Articulação Social



*...“Havia um projeto aqui na Vila Guacuri que se chamava Circo das Artes, onde estavam umas 300 crianças. Eu olhei aquilo e chamei a Heloisa Melillo, porque achei que dava para fazer um grande projeto da AES Brasil aqui. Foi quando tudo começou. Eu vi que era um excelente espaço para transformação. A transformação realmente da visão de mundo das pessoas. Resgatar a autoestima, para que elas consigam se enxergar como verdadeiras cidadãs.”*

**Luciana Alvarez Pedrosa**  
(18/2/1975 – Santos/SP),  
gerente de comunicação externa e  
sustentabilidade na AES Eletropaulo

Por isso, em 2011, o Museu da Pessoa foi chamado para participar das Casas com cursos de formação na metodologia de História Oral. Os participantes do curso então partiram para campo e, com o pessoal do Museu, entrevistaram dezenas de pessoas que vivem o dia a dia das Casas. O que você encontrará neste livro são relatos dessas vivências transformadoras que acontecem diariamente em seis das sete Casas de Cultura e Cidadania.

Entre, a porta está aberta!



AS CASAS CONVIDAM A SONHAR...



Toda vez que uma Casa de Cultura e Cidadania abre as suas portas é como se cada uma das pessoas que lá trabalham abrisse os braços para receber as crianças e os jovens da comunidade. As Casas convidam. E, como boas anfitriãs, oferecem o que elas têm de melhor em arte-educação, programas de geração de renda, cursos profissionalizantes, educação para jovens e adultos e formação em cultura. Tudo já está bem preparado: as instalações funcionando, a equipe capacitada, a mesa posta. Então chegam os convidados, e eles são muitos e ávidos. Vêm com muita fome de aprendizado e de boas vivências. Vivem encontros diversos e vão multiplicando possibilidades de se recriarem no mundo. Cada um se transforma, e as Casas se transformam junto com cada um.



*“Eu já cozinhava para ganhar dinheiro quando a Casa de Cultura chegou. Eles vieram aqui e ficaram um tempo pra fazer um projeto. Acabaram indo almoçar a minha comida. Nesse dia, eu fiz foi filé de frango com arroz, feijão e salada, mais a sobremesa. Eles gostaram e me arrastaram para lá.*

*E quando a Casa chegou mesmo, trabalhei também de voluntária, pra ajudar a organizar, entregar panfletos e explicar o que era a Casa de Cultura. Isso na época dela abrir as portas”...*

**Lineomaria Tavares da Silva**

(30/3/1968 – Salvador/BA), ex-funcionária da Casa de Cultura e Cidadania de Osasco

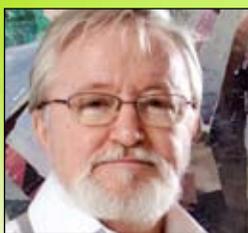


*... “Quando a casa foi abrir as portas, eu lembro de ter ficado muito contente. Via essa construção, as pessoas que aqui trabalhavam, e inclusive minhas meninas, na ocasião eu tinha só três. Elas começaram a frequentar e foi muito bom pra elas. Eu vinha em todas as reuniões, toda festividade eu fazia questão de estar presente. Dei todo o apoio que eu pude dar, porque eu vi que era uma coisa muito boa pra Caconde. Porque nossas crianças, quando pequenas, elas tinham creche, até um pouco de amparo, mas o mais jovem, esse intermediário, ficava meio sem lugar. E aqui a Casa acolheu toda essa criançada que não tinha mais idade pra ir pra creche e não tinha outro lugar pra ir. Aqui tem o que a criança precisa: tem vigilância, tem alimentação e, o que é principal, orientação. Além das atividades lúdicas muito boas, dos exercícios, para elas colocarem para fora toda aquela energia que elas têm”...*

**Maria Cecília Avesani Seixas**

(2/11/1938 – Santa Cruz das Palmeiras/SP), mãe e avó de participantes da Casa de Cultura e Cidadania de Caconde





*... “O simples fato das crianças terem uma atividade pra gastar energia e se ocuparem, eu acho que isso já vale a pena. Agora, somando o nível de competência dos profissionais da Casa a isso, eu acho que o resultado só pode ser positivo.*

*Eu participava do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. Aí fizemos uma pesquisa pelas escolas e nos preocupou muito o resultado dessa pesquisa. As crianças de Caconde têm 2,6 horas de ocupação semanal dentro de 56 horas de disponibilidade. Das 56 horas, elas só ocupam com ações organizadas e orientadas uma média de 2,6 horas. O que elas vão fazer nas outras 53,4? E aí ficam à disposição dos riscos sociais. Se não tivéssemos a Casa de Cultura e Cidadania, talvez esse índice tivesse sido 1,5 ou 1,8. Então realmente o trabalho tem um valor muito grande, sem dúvida nenhuma”...*

**João Fernando Orrico Cantarelli**

(18/9/1945), ex-secretário de Cultura, Educação e Turismo, atualmente diretor de escola em Caconde





... “Não há dúvida da melhora na qualidade de vida em muitos aspectos. Eu fiz Pedagogia, sou professora, mas hoje trabalho como Conselheira Tutelar. E existem aquelas crianças que vieram para a Casa, aquelas que estão aqui, mas não foi a gente que encaminhou, e que tiveram uma melhora significativa. Porque mesmo que seja indiretamente, elas criam disciplina. Elas enxergam aqui uma possibilidade de que o mundo pode ser melhor pra elas. Algumas crianças refletem sobre isso: ‘Se eu consigo na Casa de Cultura, eu vou conseguir na escola também.’ Tenho até o caso da minha família. A minha filha não gosta muito de esportes, mas precisa. E aqui ela faz e gosta. Então pra saúde dela é melhor. Meu filho também, teve um tempo que ele teve um problema no joelho e acabou engordando muito. E aqui ele também faz atividades físicas.”

**Tatiane Iotti Brusque Silvério**

(24/9/1980 – Osasco/SP), conselheira tutelar, mãe de participante e voluntária da Casa de Cultura e Cidadania de São José do Rio Pardo



As atividades físicas oferecidas pelas Casas de Cultura e Cidadania para as crianças e adolescentes não têm como objetivo formar atletas, mas sim oferecer para o público atendido possibilidades de interação social e resgate da infância a partir da expressão corporal. Eventos como o Festival de Ginástica Artística e Circo e os Jogos Regionais, dos quais os alunos de diferentes Casas participaram, ajudam a promover um lugar de inserção social para esses jovens, melhorar a qualidade de suas vidas e oferecem outras relações com o mundo. O esporte, acima de tudo, ajuda também a formar cidadãos



*“Eu falo sempre na escola que a função da escola não é ensinar Matemática, Português, Educação Física. É formar cidadão. Se tem uma casa que chama Casa de Cultura e Cidadania, eu acredito que está pensando na cultura e cidadania de um povo.*

*Eu sou professor de Educação Física. Por que eu escolhi Educação Física? Porque o esporte me deu oportunidade. A natação me deu oportunidade de conhecer novas pessoas, novos lugares, abriu um leque muito grande, e muitos alunos de Educação Física da Unip e outros do Centro Paula Souza, a Casa de Cultura levou para participar dos Jogos Regionais. Isso é uma oportunidade. Pessoalmente, gostei muito de ver a equipe de ginástica masculina, porque tira esse preconceito de que só menina faz ginástica”...*

**Sérgio Henrique Braz**

(8/6/1969 – São José do Rio Pardo/SP), professor de Educação Física em São José do Rio Pardo



*... “Eu era um menino bem machista quando era mais novo. Eu não dançava, eu jogava futebol. Aí a Lili estava dando aula de dança no colégio Santa Inês, e ela me chamou para fazer uma apresentação com ela. Eu não queria, mas acabei indo, e ela falou que eu acabei me destacando um pouco. Eu fiz brincando, mas na brincadeira saiu uma coisa mais séria. A partir daí eu procurei escola de dança. Lili é a professora da Casa de Cultura da parte de coreografia de ginástica.*

*A partir de então, eu também percebi que a dança não é a única cultura que existe. Na Casa de Cultura, eu entrei na música e na ginástica. Eu nunca tinha virado mortal na minha vida e hoje faço muita coisa que nunca imaginei fazer”...*

**Juliano Cesar Martins Nogueira**

(16/8/1993 – São José do Rio Pardo/SP), participante da Casa de Cultura e Cidadania de São José do Rio Pardo



... “Quando eu fui dar aula de Educação Física, imaginei fazer algo diferente, levar uma proposta de educar a partir do movimento, da prática esportiva, refletir sobre o que o exercício físico faz com o seu corpo. E descobri que a prática de atividade física é importante não só pelas transformações que faz nos nossos corpos, que são fundamentais para o desenvolvimento biológico, mas também pro desenvolvimento social. A partir dessas atividades, conseguimos interagir com outras pessoas, conseguimos nos comunicar corporalmente com outras pessoas. Isso faz com que nosso círculo de amizades seja ampliado, que conheçamos pessoas novas, que dialoguemos com outras pessoas e, dialogando com outras pessoas, temos conhecimentos diferentes. Mudamos muito”...

**Rafael Castro Kocian**

(13/9/1983 – São José do Rio Pardo/SP),  
ex-funcionário da Casa de Cultura e Cidadania,  
atualmente é voluntário da Casa de São José do Rio Pardo

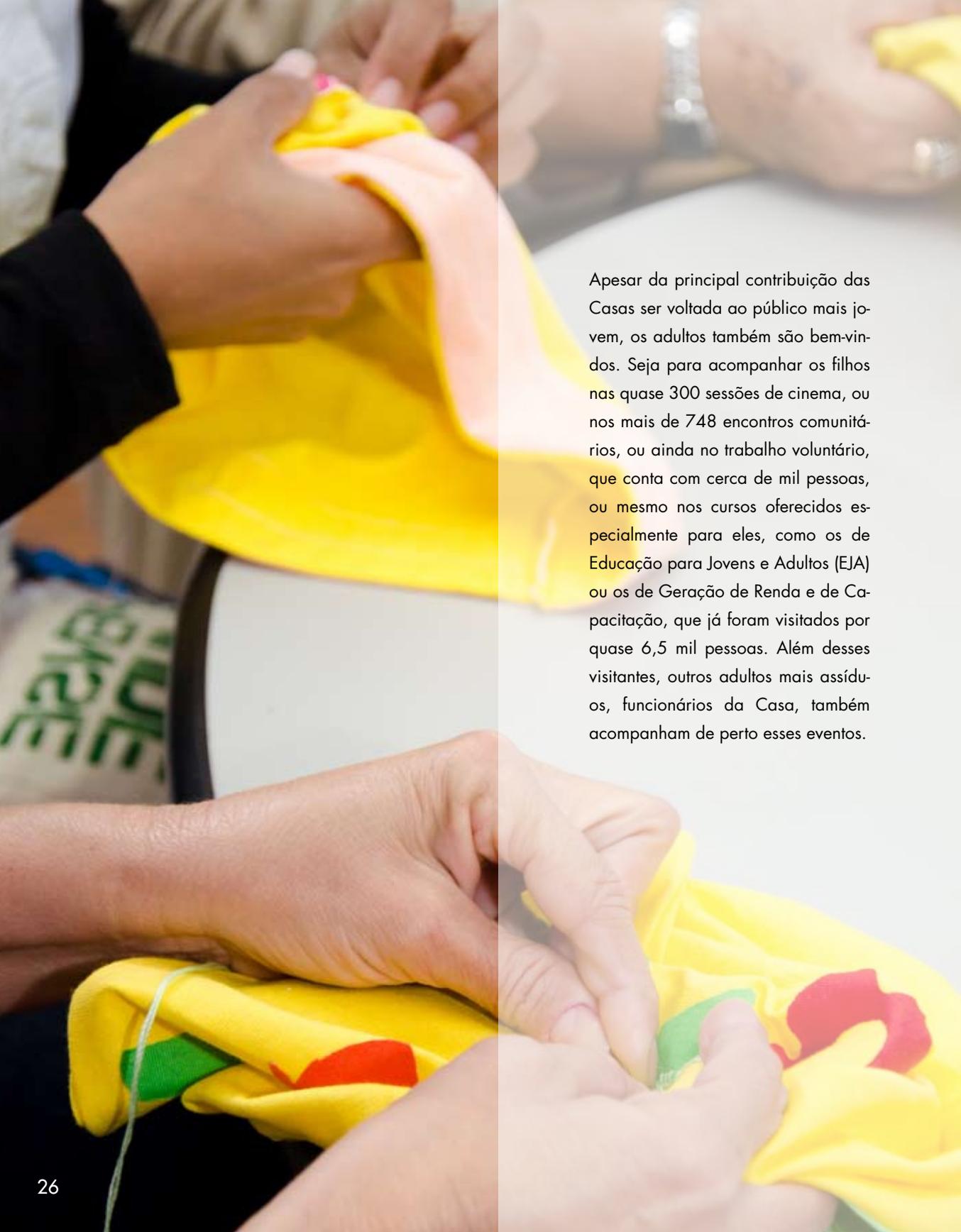


... “A vida do meu filho mudou muito. Ele tinha vergonha de chegar na padaria e pedir um pão, ele tinha que pedir pra irmã dele, que é mais nova. Na minha infância, eu fui muito espoleta, eu gostava de subir em árvore, eu gostava de tudo. Então, vejo essa molecada fazendo tudo isso que eles fazem na Casa e dá até vontade de fazer também! Tanto é que, às vezes, eu faço. Teve um dia que teve uma atividade e até mortal eu acabei virando.

Daqui uns dias eu estou aposentando e quem sabe não possa estar aí para ajudar em alguma coisa, que eu vou estar jovem ainda, porque eu sou jovem. Quem sabe eu possa ajudar a Casa de Cultura também, tirar proveito dessa experiência profissional minha de bombeiro e contribuir lá.”

**Paulo Higino Magalhães**

(10/4/1969 – São José do Rio Pardo/SP),  
voluntário na Casa de Cultura e Cidadania  
de São José do Rio Pardo



Apesar da principal contribuição das Casas ser voltada ao público mais jovem, os adultos também são bem-vindos. Seja para acompanhar os filhos nas quase 300 sessões de cinema, ou nos mais de 748 encontros comunitários, ou ainda no trabalho voluntário, que conta com cerca de mil pessoas, ou mesmo nos cursos oferecidos especialmente para eles, como os de Educação para Jovens e Adultos (EJA) ou os de Geração de Renda e de Capacitação, que já foram visitados por quase 6,5 mil pessoas. Além desses visitantes, outros adultos mais assíduos, funcionários da Casa, também acompanham de perto esses eventos.



*“Quando começaram a acontecer os eventos, eu achava que a Casa de Cultura era uma coisa só pra festas, para a questão mais folclórica, que era uma coisa mais para criança. Diziam que lá tinha curso de computação para criança, curso de Espanhol para criança, capoeira... para criança. Mas quando eu vim pra Casa de Cultura, eu comecei a descobrir que também tem coisas para adultos, e das quais eu estou me valendo. Iniciei aqui um curso de Espanhol e atualmente estou fazendo o curso do Museu da Pessoa, de que estou gostando muito, porque ele é muito abrangente, ele mexe com história, com filosofia e mexe um pouco com política por tabela, porque política sempre influencia nosso dia a dia. Enfim, para mim é um achado muito bom, porque é um lugar onde eu consigo me completar. Eu gostei tanto daqui que eu estou até disposto a fazer faculdade! A Casa abriu portas para mim”...*

**José Aureliano Barbosa**

(29/1/1947 – Campo Grande/MS),  
morador do bairro e participante da Casa de Cultura e  
Cidadania de Osasco



...“Eu estava numa reunião de pais quando a Casa estava para abrir as portas. Eles foram às escolas e se encontraram com a gente. Eu estava na escola em que a minha filha Caroline estudava. Eu a matriculei porque lá em casa ela é muito tímida e a Casa podia ajudar. Quando então teve a abertura dos Jogos e ela teve coragem de se apresentar de teatro no palco... nossa! Fico pensando em como ela já melhorou da timidez.

E eu mesma estou em duas oficinas, a de customização e de artesanato em roupa. E a gente começou devagarinho, aprendendo a bordar, que eu nem sabia. Eu nunca tinha mexido com couro. Hoje a gente já está começando a receber alguma coisa, vai preparando as peças e pegando gosto, e preparando pra vender. A gente quer fazer e quer vender, quer ter lucro. Que o maior sonho da minha vida era ter um trabalho”...

**Maria Naciete de Jesus Vasconcelos**

(21/4/1961 – Salvador/BA), moradora do bairro da Casa de Cultura e Cidadania de Barra Bonita





... "O meu trabalho é mexer com esta fórmula: seda, crianças e vento. Fechou esse contexto, tem pipa e tem renda. Aqui na Casa de Cultura mesmo, uma vez eu fiz um evento com 500 pipas. Eram 500 crianças mexendo com papel de seda em folha. A maioria nunca tinha mexido.

Além disso, me meti com um artesanato diferente aqui na Casa. Artesanato de couro, que desenvolvemos uma produção de designer da própria Casa. Tem uma assessoria para desenvolver o tato e um pouquinho de cor. Então, em uma hora de aula de design, a gente desenvolveu o visual. Agora, temos já um pedido. Estamos com oito artesãs fazendo esse tipo de trabalho, que é acessório de couro, mas não é de vestuário, não é de bijuteria, é acessório para escritório. É porta-caneta, porta-papel, coisas de escritório. É diferenciado, é artesanato cooperativo. Não é coisa que vai se vender na praça"...

**Baltazar Parra**

(3/8/1963 – Barra Bonita/SP), voluntário da Casa de Cultura e Cidadania de Barra Bonita



... "Eu vendia salgado e bolo. E, bem no dia de fazer matrícula das minhas filhas na Casa de Cultura, estava um fuzuê. Eu com bolo lá no forno assando e tudo. Então, eu ficava um pouco na fila, pegava a senha, corria lá em casa, via o bolo... Era o último dia, no último fôlego, mas deu tudo certo. Hoje eu tenho uma filha e uma neta que frequentam a Casa.

E agora eu sempre vou, nem que seja assim de fugidinha, eu vou! Vim no dia da vacinação, vim no dia que teve cinema. E eu faço parte do Conselho Consultivo. Eu venho na segunda terça de todo mês para participar"...

**Ivani Aparecida de Souza Possati**

(24/5/1965 – Cabo Verde/MG),  
mãe de participante e moradora do bairro da Casa de Cultura e Cidadania de Caconde



... “Eu participo das oficinas aqui dentro. Por exemplo, eu dou uma oficina de biscuit, que é algo que eu sei fazer. E participo de outras, então a maior parte do meu tempo é aqui.

Para mim, isso foi uma mudança radical, principalmente na parte financeira, porque, na época em que eu vim fazer a matrícula da minha filha na Casa de Cultura, eu fiquei desempregada. Aproveitei então para deixar na Casa o meu currículo. Quando foi um dia me ligaram para saber se eu estava interessada no serviço. Fazia tempo que eu não tinha um registro em carteira como agora”...

**Roseni Mendes Lopes Araujo**

(1º/3/1970 – Pombo Socorro do Piauí/PI),  
auxiliar de limpeza da Casa de Cultura e Cidadania  
de Osasco



... “Eu tenho carteira assinada como cozinheira aqui da Casa de Caconde. Quando mudei para cá, eu trabalhava na roça. O caminhão pegava a turma seis da manhã e chegava em casa sete da noite. Quando comecei a fazer faxina numa casa, conheci a Casa de Cultura e mandei currículo. Aqui, virei cozinheira. Acho que aqui a gente é muito reconhecida, porque, apesar de eu ser a cozinheira, não tem diferença de um educador, sabe?

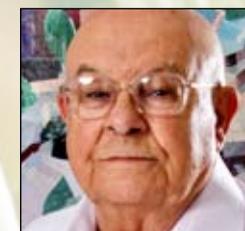
E a gente mesmo estava dando uma oficina de reaproveitamento dos alimentos, tipo talo, folha, casca. Ensinarão para nós também, e passamos adiante, a fazer um bolo de café amanhecido, para não jogar fora. Lembro de um evento lá no barracão em que três alunos subiram comendo o lanche e jogaram papel na rua. Aí veio outro grupinho da Casa de Cultura atrás, pediram uma sacolinha e vieram catando o lixo. Isso é muito importante. Eles não iriam fazer se não tivesse alguém passando isso pra eles.”

**Rosiane Miqueti Reneis**

(20/4/1974 – Caconde/SP), cozinheira  
da Casa de Cultura e Cidadania de Caconde



Uma das ações de cidadania passadas durante os eventos e atividades das Casas diz respeito ao difícil e vagaroso trabalho de desenvolver hábitos de consumo consciente, de modo que os participantes possam se apropriar de formas de usar racionalmente a água e a energia, além de dar a devida finalidade ao lixo gerado. Além do público assíduo das atividades internas, outras apresentações e eventos dão conta de passar o recado. Já foram mais de 127 mil pessoas que participaram de apresentações sobre os temas energia elétrica e água. Cada gota de água e cada árvore do planeta agradecem.



*“Eu conheci a Casa de Cultura numa comemoração pro cantinho da árvore. Eu já tinha sido prefeito da cidade, trabalhado na Secretaria da Agricultura e no Instituto Biológico de São Paulo. E, quando teve essa comemoração, em que o Rotary conseguiu as mudas, eu fiquei conhecendo a equipe da Casa, que estava lá. Não deu muito tempo até que me chamaram para dar uma palestra para as crianças sobre meio ambiente e sustentabilidade”...*

**João Paulo Muniz**

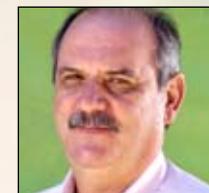
(8/5/1934 – Cabo Verde/MG), ex-prefeito, produtor de café e organizador da Festa do Café na cidade de Caconde



... “Não são todas as crianças que têm consciência de sustentabilidade, mas já são muitas. Meus filhos, apesar deles não participarem diretamente da Casa de Cultura, eles vêm comigo de sábado para a ginástica, e eles falam: ‘Ó mãe, não pode pisar na grama, tem que jogar o lixo no lugar certo.’ Eu vejo muito isso nas crianças e nos pais que participam da Casa de Cultura, essa consciência do meio ambiente”...

**Maria Madalena Dicena dos Santos**

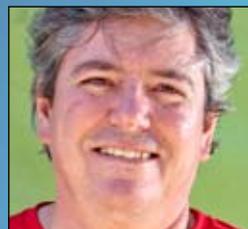
(14/5/1973 – Campinas/SP),  
participante da Casa de Cultura e  
Cidadania de São José do Rio Pardo



... “Falar de meio ambiente, conscientizar, em um país como o nosso, é difícil em qualquer setor. Eu acredito que não vai ser a minha geração que vai conseguir, acho que vai demorar um pouco. Por isso que a nossa intenção é trabalhar com crianças de até 11, 12 anos. Depois dessa idade, já é um pouco difícil. Se as crianças tiverem consciência disso, ótimo, elas vão ser transmissoras muito positivas, mas se elas não tiverem, é difícil conseguir. Essa é uma preocupação minha de uns dez anos para cá, trabalhar com crianças de até 11, 12 anos. Se você souber fazer um trabalho bom de Educação Ambiental, de cem crianças, você vai conseguir duas que vão estar atentas ao detalhe. E, na hora que o pai for jogar o maço de cigarro: ‘Pai, não faz isso, não, não suja a água que eu vou beber.’ É uma conscientização do dia a dia”...

**Felipe Antônio Quessada Neto**

(29/11/1957 – São José do Rio Pardo/SP), secretário da  
Agricultura e Meio Ambiente em São José do Rio Pardo



... “Então, a ideia é fazer uma estufa para essas coisas que o pessoal consome no dia a dia, principalmente as verduras de folhas. Aí, cadastrar as famílias da região e os próprios alunos, para cuidar dessa estufa. Fazer uma troca: traz algum material reciclável, leva umas mudinhas. Eu me propus e cheguei até a fazer um projeto, um manualzinho técnico para as pessoas fazerem uma horta de fundo de quintal, para ter uma verdura de qualidade. Fazer horta é difícil, mas se a pessoa ganha uma mudinha já pronta, melhora. Eu, como engenheiro agrônomo, um pouco de engenheiro civil, ajudaria a fazer a marcação, a topografia daqui.”

**Luis Roberto de Oliveira**

(25/9/1956 – Caconde/SP),  
agricultor de São José do Rio Pardo





A ajuda de cada participante da Casa é fundamental. Mas também é essencial que os profissionais sejam capacitados para prestar o serviço ao público. Além de contar com renomados curadores, as Casas oferecem capacitação de mais de 120 horas para cada arte-educador, além de orientações, avaliações e novas capacitações continuamente. Teatro, circo, dança, artes visuais, arte de contar histórias, arte circense, artes digitais, música, curso de Formação Continuada em Cultura, entre outras atividades oferecidas formam um leque de acontecimentos diários nas Casas, atendendo quase 6 mil alunos. Sem procurar suprir todas as carências estruturais de cada comunidade, mas procurando preparar os alunos para que eles mesmos possam contribuir mais tarde para suas regiões, cidades ou países. Os cursos oferecidos pelas Casas complementam e fortalecem outro lugar importante de educação e pertencimento: as escolas.



*“Como a Casa de Cultura ajuda no processo escolar? Fazendo com que eles saibam das suas responsabilidades; fazendo com que eles encarem a vida de outra forma, que tenham objetivo; que tratem a escola como primeiro objetivo, porque é ela um caminho para o sucesso, para um futuro próspero. Então, a Casa mostra essa realidade pra esses alunos. É lógico que hoje a gente tem um processo de incentivo à leitura, a gente trabalha com biblioteca, trabalha com texto interpretativo. Isso é uma coisa natural da arte. Mas, acima de tudo isso, acima desses processos, acho que o que mais a Casa fortalece nesses participantes é dizer: ‘Viva um dia de cada vez; viva intensamente; e aprenda o máximo possível para você não se arrepender amanhã. Estudem, estudem muito, porque esse é o caminho.’ A Casa se une à escola”...*

**Carlos Roberto Barbosa**

(28/9/1984 – São José do Rio Pardo/SP),  
arte-educador da Casa de Cultura e Cidadania  
de São José do Rio Pardo





*... “Para mim, a escola sempre foi um espaço muito importante. Fosse pela dificuldade, fosse pela delícia, ela sempre foi um espaço importante. Eu achava que tinha a contribuir na escola, eu precisava ir pra escola. E depois, quando eu fui para a escola, descobri que era fora da escola que eu precisava contribuir pra que a escola andasse, porque de dentro da escola não funcionava”...*

**Helôisa Melillo**

(11/6/1962 – Andradina/SP),  
presidente da H.Melillo – Grupo de  
Articulação Social



*... “Sozinho, nada funciona. Eu costumo dizer: cultura e educação, elas podem ser consideradas como uma linha única. Não adianta nada você ter uma educação, uma formação, se você não tem uma identidade. E essa identidade você consegue, você adquire, através da sua cultura. Quem é você, o que você fez, de onde você veio? Essa é a sua identidade fundamental”...*

**Antônio Aparecido Botti**

(18/11/1958 – Jaú/SP),  
morador do bairro da Casa de Cultura  
e Cidadania de Barra Bonita



... “Eu acho que é fundamental o teatro. Na infância, até participei uma vez: na Paixão de Cristo, eu fui o povo! Só que na hora de gritar ‘Soltem Barrabás!’, eu gritei, ‘Matem Jesus!’ Uma vergonha... Então, quando a Casa de Cultura foi construída, quis logo ir, porque tinha teatro. Aqui só tinha curso de Informática, curso de Inglês, mas e cultura? Não tinha. Depois que a Casa chegou, tem. Só de ter já é uma grande diferença”...

**Laís Cristina da Silva**

(22/2/1992 – São Paulo/SP),  
ex-aluna da Casa de Cultura e  
Cidadania de Caconde



... “Na Casa eu tive uma oportunidade diferente para trabalhar com arte-educação, o que eu nunca tinha feito. Principalmente por ser uma proposta diferente, de responsabilidade social. E até no meu envolvimento com a arte, que eu não tinha, não era tão rotineiro. Agora todo dia tem esse contato, e começo a conhecer coisas novas, buscar coisas novas. Aprendo um pouco mais, e isso me ajuda no amadurecimento pessoal e profissional. Isso faz o trabalho ser diferente”...

**Renato Prates Xavier**

(26/11/1985 – Barra Bonita/SP),  
arte-educador da Casa de Cultura e  
Cidadania de Barra Bonita





... "O que eu vejo de diferente aqui, que chama a atenção, é a tenda do circo. No começo, trabalhamos no pátio. Tínhamos que montar e desmontar quatro vezes por dia. Aí, veio a lona e resolvemos ocupar espaço, porque senão as pessoas começam a chegar e ocupar antes. Demoramos uns três meses para instalar luz e acabar de montar. E criamos um circo. O circo facilita o trabalho e o pessoal se empolga mais. Só agora que estamos com a estrutura montada, completa. Ainda tem coisas para arrumar, mas a molecada está pirando, está curtindo. O circo tem muita criança. Muita criança passa por lá, visita, dá uma olhadinha.

Mas o mais interessante do trabalho do circo acaba sendo o processo. Pensamos em trabalhar a criança tecnicamente, para dominar os aparelhos, mas também para criar. Discutimos quando estamos criando. Estimulamos muito pra que eles brinquem, pra que eles joguem, para que eles se resolvam. Eles trazem a ideia deles e nós vamos limpando e organizando”...

**Paulo Sérgio Ondeí**

(31/10/1963 – Santo André/SP),  
arte-educador da Casa de Cultura e Cidadania de Lins



... “Eu comecei na limpeza, fazendo faxina, e hoje estou como auxiliar de cozinha. Trabalhar aqui é prazeroso. É sério, mas se torna mais fácil, porque eu vejo as crianças que não ficam mais nas ruas aprendendo a fazer coisa errada. Eles vêm aqui aprender várias atividades interessantes. É tudo organizado”...

**Aparecida Nazaré Lopes**

(28/7/1969 – Serro/MG), auxiliar de cozinha na Casa de Cultura e Cidadania de São Paulo



... “Ah! Uma Casa de Cultura organizada é melhor. Tudo organizadinho, tem que trazer documento, tem que ter organização. Tem muita criança que não tem nada pra comer e aqui ganha um lanchinho. É a mesma coisa que eu sofria lá na Bolívia! De vez em quando, quando eu era criança e queria um brinquedo, alguma coisa, sabia que o pai não tinha condições, porque ele era marceneiro. Então, tem muita gente aqui também que o pai é pedreiro, o pai é uma pessoa que trabalha num serviço simples. Eu me lembro que antes de trabalhar aqui eu limpava boca de lobo e não dava para comprar nem brinquedo para os meus filhos”...

**Gregório Jerônimo**

(9/5/1977 – La Paz/Bolívia), morador do bairro da Casa de Cultura e Cidadania de Osasco

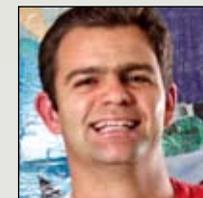


... "Luzia, a minha filha, nunca foi criança lá no Pará. Eu já tinha sofrido muito nessa vida quando completei 18 anos e fui ver o que tinha acontecido na minha vida, que eu tinha deixado minha filha, tinha deixado minha família. A Luzia estava em uma escola especial. Ela batia em todo mundo na escola, estava desnutrida e com uma queimadura na perna.

Quando a gente chegou aqui, a Casa de Cultura passou a ser o prato predileto da Luzia. Quando ela começou, dava dó, porque não conversava, era muda. Ficava caladinha, abaixava a cabeça. Ela ainda é tímida, mas em vista do que era antes, a Luzia está bem melhor. Ela fala de projetos, na escola é um exemplo de comportamento, não briga, e até já dançou no palco! Agora ela conversa, tem boa convivência"...

**Maria Rosilene Benício dos Santos**

(15/2/1983 – Xinguara/PA), mãe de participante da Casa de Cultura e Cidadania de Lins



... "O Rudmar é um exemplo da nossa convivência aqui dentro. Ele que vivia na droga, brigando. Um dia, lá na quadra, quando foi começar o campeonato, ele estava lá na tela olhando do lado de fora quando eu o vi e falei: 'Chega aí, você não quer ajudar no campeonato? A gente está precisando, só estamos eu e o Zé aqui. Está meio complicado, está precisando de mais gente.' Ele foi tomando liderança do pessoal, e hoje ele está muito tranquilo com a gente. Eu acho que esse é o diferencial, o valor que se dá para as pessoas.

E aqui todos têm liberdade de expressar. Eu acho que na escola é uma coisa mais centrada e aqui é liberdade, onde a criança talvez possa estar ensinando os outros a aprender. As regras são eles mesmos que colocam quando trabalhamos com as crianças"...

**Márcio Monteiro Miranda**

(15/8/1986 – Caconde/SP), arte-educador da Casa de Cultura e Cidadania de Caconde



... “ O que me encanta nesse trabalho com as crianças é que é muito complicado quando você mexe com valores como esses que a gente mexe, mesmo que sejam incentivados, mas são valores significativos. O que me encanta é, mais do que a seriedade, o comprometimento dessas pessoas e a inquietude dessas pessoas que têm e que dominam essa tecnologia social, essa metodologia social, em estar buscando sempre mais e melhor pra essas crianças. O que me encanta é ver essas crianças absolutamente encantadas pela arte circense e fazer dela o seu objetivo de vida. Porque ali tem disciplina, ali tem respeito. Me encanta elas entenderem que eu não preciso fazer ligação clandestina porque eu sou um cidadão, minha mãe pode pagar a luz. Esse serzinho virar multiplicador na sua célula, dentro de casa, depois entre os vizinhos, daqui a pouco é um multiplicador da comunidade. E ele multiplica a nossa intenção”...

**Marcia Ferreira Carlos Magno**

(19/1/1957 – Rio de Janeiro/RJ),  
diretora de comunicação e sustentabilidade na AES Brasil





... “A intenção de trabalhar com música é que nela você coloca os temas universais que eram ditos para trabalharmos. Vamos supor, uma música que fala sobre economia de energia, podíamos criar temas sobre economia de energia, o não gasto, a questão da preocupação com o planeta.

Lembro de um trabalho da AES Eletropaulo que a gente foi e os meninos deslancharam lá, tocaram muito bem. Eu fiquei parado, falei: ‘Cara, eles são bons mesmo.’ Aquilo me chamou atenção”...

**José Afonso Menino**

(25/7/1963 – Guaraciaba/MG),  
arte-educador da Casa de Cultura e  
Cidadania de São Paulo



... “Muitos momentos culturais que não me chamavam atenção na infância, hoje me chamam. Eu percebo uma evolução minha dentro da questão cultural e muito mais depois que eu passei a participar da Casa de Cultura. Não só a questão da educação, mas a questão cultural, a questão da arte.

Essas crianças que participam vivem uma oportunidade que jamais esquecerão. Eu brinco sempre com meu marido que, se eu tivesse feito Casa de Cultura e Cidadania quando eu era criança ou adolescente, meu Deus do céu, ninguém me segurava.”

**Renata de Cássia da Silva Pedrosa**

(9/4/1978 – São José do Rio Pardo/SP),  
diretora da Casa de Cultura e Cidadania de  
São José do Rio Pardo



E é nos espetáculos e shows promovidos pelas Casas que ninguém segura a emoção e a alegria. É hora da festa, da comemoração, é hora de celebrar. E tanto se tem para se alegrar com esses encontros e vivências transformadoras, que já foram mais de 121 apresentações de grupos locais e contratados que fizeram a festa das comunidades. O público? Mais de 72.600 pessoas. Cada uma delas com suas recordações, levadas no fundo da alma, para dentro de suas próprias casas.



*“Lá em casa, a gente ficava de tarde ouvindo música depois que meu pai comprou um rádio. O rádio que ele comprou com meu primeiro salário foi um bom investimento. E teve uma vez em Igaracu que a Casa promoveu um espetáculo de música. Nossa! Eu levei a família toda e passei a tarde inteira no chão ouvindo música. E, se continuasse a noite toda, eu ficava ali sentada nesse evento”...*

**Juliana Aparecida Rodrigues da Silva**

(14/6/1966 – São Manoel/SP),  
mãe de participante da Casa de Cultura e  
Cidadania de Barra Bonita



... “Teve um evento bem marcante no final do ano passado, que foi a mostra dos trabalhos. Trabalhamos o ano todo, desde o começo de janeiro até o dia da mostra, que foi dia 10 de dezembro. E parecia, viu, que na hora não ia dar tempo. O pessoal lá, dando força para a gente. E a casa estava cheia, lotada. Posso até dizer que conseguimos fazer a mostra um pouquinho melhor do que o planejado, e o público todo se emocionou. E para mim isso é o mais interessante: a paciência dos professores com os alunos. Eu tenho certeza de que tem professor aí capacitado para dar uma boa instrução. Mas o que eu acho mais interessante é o esforço que eles fazem para tentar fazer com que a gente aprenda, fazer com que a gente faça um evento bacana”...

**Romário Azevedo**

(15/7/1994 – Belém do Pará/PA), participante da Casa de Cultura e Cidadania de São Paulo



... “Um evento marcante para mim foi a apresentação do grupo musical, teatral, não lembro o nome certinho, mas acho que era Babado de Chita. E foi uma coisa assim tão contagiante, que eu fiquei com o CD e de vez em quando eu ouço, danço com meu filho em casa e até me emociono. A Casa é uma coisa que jamais vai sair do coração da gente. Do meu, principalmente.”

**Debora Aparecida Bressan**

(14/8/1976 – Barra Bonita/SP), coordenadora do Curso Técnico em Eventos da Casa de Cultura e Cidadania de Barra Bonita





PRINCÍPIOS DO PROJETO DAS CASAS DE CULTURA E CIDADANIA:

**O primeiro princípio é o atendimento ao público.** Nós existimos para atender um público. Esse público pode ser diferente, dependendo da posição que ele ocupa, e a nossa função é tomar decisões que atendam à necessidade daquele público.

**O segundo princípio é o do comprometimento.** Eu devo fazer as coisas que são necessárias para atender aquele público porque eu estou comprometido. Toda vez que eu não estiver comprometido, eu estou dizendo que aquela pessoa que está na minha frente não é importante.

**O terceiro princípio é o da justiça.** Ser justo não é tratar as pessoas iguais da mesma forma. As pessoas são diferentes e as necessidades são diferentes. Portanto, ser justo é tratar as pessoas diante da sua necessidade em um determinado momento.

**O quarto princípio é o da solidariedade.** É extremamente justo você ser tratado de uma forma diferente por um período de tempo porque a situação e a circunstância pedem. É através do princípio da solidariedade que conseguimos contornar uma situação e possibilitar essa justiça.

**O penúltimo princípio é o da felicidade.** Temos que estar felizes onde estamos. Se não estivermos felizes fazendo o que estamos fazendo ou no lugar que estamos, não conseguimos ser solidários, não conseguimos entender a justiça que é aplicada quando não é aplicada em nosso benefício e, assim, não vamos conseguir ter compromisso, nem nos emocionarmos com o crescimento daquele público que estamos atendendo.

**O último princípio é o da liberdade.** Se percebemos que não estamos felizes fazendo alguma coisa, ou em algum lugar, temos que ter a liberdade de não fazer mais isso. Sendo infelizes, promovemos um ambiente de infelicidade para todas as pessoas que estão a nossa volta. Temos que ser livres.

Esses são os princípios do projeto.

**Heloisa Melillo**





## Créditos

### **Instituto Museu da Pessoa.Net**

COMITÊ EXECUTIVO

Diretora-Presidente  
Karen Worcman

Memória Institucional  
Márcia Ruiz

Disseminação do Conceito  
Sônia London

### **H.Melillo – Grupo de Articulação Social**

Heloisa Melillo  
Gloria Teixeira  
Renata Pedroso Pupo Nogueira  
Carla Elizabeth Dworecki

### **AES BRASIL**

Diretora de Comunicação e Sustentabilidade  
Marcia Magno

Gerente de Sustentabilidade  
Luciana Alvarez

### **AES ELETROPAULO**

Especialista de Sustentabilidade  
Sheila Ferreira

## Projeto A Casa e suas histórias

### **Museu da Pessoa**

Coordenação

Simone Alcântara

Sônia London

Formadores

Fernanda Peregrina

Paula Botafogo Caricchio Ferreira

Produção Executiva

Isaac Patreze

### **H.Melillo – Grupo de Articulação Social**

Coordenação

Renata Pedroso Pupo Nogueira

Carla Elizabeth Dworecki

### **Casas de Cultura e Cidadania participantes**

Barra Bonita

Caconde

São Paulo

Osasco

Lins

São José do Rio Pardo

## Livro A Casa e suas histórias

Projeto Editorial

Thiago Majolo

Simone Alcântara

Sônia London

Edição de Texto

Thiago Majolo

Revisão de Texto

Sílvia Balderama

Projeto Gráfico

Fernanda Mascarenhas

Renato Theobaldo

Produção Gráfica

Praxinoscópio Produções

Produção

Isaac Patreze

Fotos

Pedro Saad

Melhor Imagem

Impressão

Neoband

Dados e informações institucionais  
obtidos no Relatório Social 2010 – Casa  
de Cultura e Cidadania. Publicação  
H.Melillo – Grupo de Articulação Social





Patrocínio



Realização



Museu da Pessoa  
Brasil

Ministério da  
Cultura

